



A Biblioteca Pública de

Braga

7
AGOSTO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: HERMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Dilema terrível e esmagador

Como se tivesse acordado de um sonho mau para uma manhã radiosa de Primavera fagueira, o Mundo estremeceu de alegria, há dias, quando se divulgou a notícia de que o Presidente dos Estados Unidos da América do Norte ia visitar os dirigentes da China Continental, conferenciar com eles sobre os problemas internacionais e mais concretamente sobre a melhoria das relações sino-americanas de que dependem, em grande parte, a guerra e a paz neste nosso tão conturbado planeta.

Nixon deve conhecer suficientemente a psicologia dos povos chineses e especialmente os misteriosos refulhos da alma de Mao Tse Tung e de Chu en Lai, para se aventurar a dialogar com eles sobre temas erigidos de dificuldades em que não de surgir questões quase insolúveis, como a questão da Formosa, a guerra do Vietnã, a presença activa da Esquadra norte-americana naquelas paragens orientais, as relações

existentes entre Washington e Tóquio, etc.

Quem algum dia leu as páginas que o grande escritor português João de Lucena consagrou à descrição da alma chinesa, na *História do Padre Francisco Xavier e do que fizeram na Índia os mais Religiosos da Companhia de Jesus*, sentirá comiserção perante contratempos que irá enfrentar o Chefe da grande Nação americana e perguntar-se-á, profundamente ansioso e preocupado, quais serão as consequências que poderão advir daí para todo o Ocidente e para todos os povos do mundo Livre. Porque a verdade é esta: a derrota ou a Vitória nas negociações que vão travar-se em Pequim não dizem respeito tão-somente aos Estados Unidos da América do Norte ou mesmo do Continente americano, mas terão repercussões gravíssimas sobre todos os Continentes e máximamente sobre os povos livres.

Sem aspirarmos a profeta

da desgraça, poderemos dizer que o comunismo internacional, mais ou menos ortodoxo será derrotado e vencido, nestas negociações, ou se espalhará por todo o vasto Continente asiático como fogo abrasador em matagais ressequidos a dali as chamas alastrarão ao Continente africano e ao Novo Mundo. Sem o saber, nem o esperar, o Mundo pode ver-se comunicado de um dia para o outro, tanto mais que os focos incendiários se vão

Continua na 4.ª página

FÉRIAS

Termiram as aulas. Os professores, os alunos, todos os que trabalharam assiduamente durante o ano e agora se dispõem ao merecido repouso, saboreiam alegremente esta agradável palavra: férias! Espera-os o campo, com a frescura das verdes florestas e das manhãs triunfais; com o bucolismo das paisagens e a variedade das fainas agrícolas; com a música das aves e das fontes; com a poesia dos moinhos alvejando nas colinas; com o feitiço das tépidas noites de luar. Espera os o mar com a sua grandiosa e sempre renovada beleza; com a graça

das velas deslizando na imensa toalha azul, o baile das ondas rebentando em mundos de espuma, a epopeia dos pescadores e a magnificência dos poentes sem igual.

Férias! Palavra encantadora a cujo chamamento tantíssimas pessoas se lançam numa vida feliz de viagens, divertimentos, alegria, desocupação e descanso. Férias!

Mas para tantíssimas pessoas, esta palavra não diz nada, ou diz apenas mais trabalho, mais luta, mais fadiga e sofrimento.

Quanto trabalham dia após dia, ano após ano, sem umas semanas, uns dias de férias! Quantas crianças que nunca rebolaram na areia das praias, que nunca respiraram o ar lavado dos pinhais!

Pensa nisto, tu que és Mãe, e pensa também que

«Continua na 4.ª página»

O BURACO N.º 13

— Foi nos princípios de 1945 — combatia-se ainda na Europa, vivos ainda eram Hitler e Mussolini — quando pela primeira vez cheguei a Nova York, com o fim de cobrir (para o «Diário da Manhã») a Conferência de San Francisco. E, é claro, tive de me submeter, à entrada, a um interrogatório dos agentes do FBI. Por exemplo, quiseram saber se em algum momento da minha vida pertencera a qualquer organização fascista. Ora eu não sabia de todo a que era que eles chamavam «uma organização fascista»; em

consciência, nunca me filiara fosse no que fosse com esse carácter, mas a verdade é que fora (e com muito orgulho) um dos fundadores da Nacional-Sindicalismo e que era ao tempo (e com muita honra) um dos dirigentes da Mocidade Portuguesa. Na dúvida, mostrei-lhes, porém, uma carta que me entregara o adido de Imprensa junto da embaixada dos Estados Unidos em Lisboa. Eles leram a carta, devolveram-na com o melhor dos seus sorrisos e e logo deram por terminado o interrogatório: abriram-se-

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Quando falo de mim, Leitor, não é por vaidade, é, apenas, porque o assunto se coaduna com a minha existência. Fica assente, portanto, entre nós, a fuga do anátema: vaidade.

Quando a minha intensa vida de jornalista e no tempo em que se-lo era uma missão e não uma profissão, atravessei todo o período da guerra — 1939-1945 — e ainda anos seguintes a escabichar assuntos internacionais. Ficou, portanto, no âmago aquela fibra do interesse por tais assuntos. Hoje — anos distanciados da tal missão — já não há aquele interesse que fez de mim o chamado especialista dum assunto, como jornalista, claro. E, a propósito, devo dizer ao meu querido Leitor, que há duas missões, (e para mim ainda não profissões) a do médico e do jornalista, bem amargas. O médico encontrando alguém, logo faz uma consulta, de borla. Diz o interlocutor: — Oh! dr.. Hoje de manhã ao olhar para o espelho encontrei debaixo dos meus

(Continua na 4.ª página)

Mini-Gazeta

Há dias, dois varredores,
Encostados à vassoura,
Comentavam a rasoura
Desta vida, tanto à toa,
Que nos traz só dissabores.

Falavam de comunismo,
Entre duas cigarradas,
Vozes entarameladas,
Tanto ou quanto afuniladas,
Por banda do alcoolismo...

A certa altura, porém,
Surgiram os comentários
Da igualdade de erários,
Por uns terem numerários
E outros não ter vintem!...

Pois, no meio dos vapores
Do vinho, bem humorado
Diz um, já todo toldado,
— A igualdade! Um achado,
Todos eram varredores!...

DAVUS

Festa académica

em Santa Maria de Bouro

O aliciante programa distribuído a relatar os números da festa académica realizada no domingo último em Bouro não revelava a qualidade e o jeito das espantosas revelações da juventude académica e não académica que intervieram para deliciar milhares de pessoas e mostrar o desejo sintomático de uma raça imperecível. Bouro, é sabido, tem pergaminhos históricos que nos escusamos de realçar. Sofre as conse-

quências do imprevisto movimento rotativo do progresso. Mas a sua marca não desaparece do espírito daqueles que amam a Pátria pelos seus valores ancestrais. O programa que se transcreve define a quantidade mas não a qualidade das especialidades que a R.T.P. podia constatar e provar ao Mundo o que é Bouro actualmente no campo Etnográfico e Folclórico. Eis o programa: Do-

(Continua na 4.ª página)

O QUE VAI PELO BRASIL

AMAZONIA

O Presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária explicou como será executado o Projecto de Ocupação da Amazonia.

Cada conjunto de 100 lotes de terras distribuídas aos colonos terá como núcleo uma agro-vila, onde o agricultor encontrará escola, médico e comércio. Vinte agro-vilas terão como sede uma agropolis, onde funcionarão a administração governamental e um ginásio. Explicou ainda que o INCRA, embora aceite colonos de todas as partes do país, dá preferência aos candidatos do Nordeste brasileiro onde existem milhares de famílias precisando de ajuda.

RODOVIAS

Em conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra, o Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, confirmou o estudo de projectos para a implantação de rodovias pioneiras ao norte do rio Amazonas. Partindo de Macapá, de Cachimbo e de Santarem, as novas ligações buscarão respectivamente as fronteiras do Perú, da Colombia e da Surima, países que também integram a Amazonia. Segundo informações prestadas pelo Ministro, a mais importante das rodovias será a "Perimental Norte", a BR-307 que, de Macapá atravessará todo o estado do Pará, atingirá o território de Roraima, entrará com a BR-080 em Içana, no Estado do Amazonas, e prosseguirá até Cruzeiro do Sul (Acre) nas proximidades da fronteira Peruana. Por Içana também deverá cruzar a rodovia BR-174 que partindo de Cachimbo e passando por Manaus, de lá continuará até à Colombia. A previsão do Governo na Amazonia é construir até 1974 um total de 13 mil quilómetros, correspondentes a um investimento de esc. 2,5 bilhões, sendo 3 mil quilómetros de rodovias pavimentadas. Citou ainda o Minis-

tro o asfaltamento da Belém-Brasília, que deverá estar concluído em 1973, e não em 1976, como estava planejado. Além de estudos para a ligação Labrea-Benjamin Constant, o Ministério dos Transportes incluiu também recursos que permitirão o término da rodovia Manaus-Porto Velho até ao fim de 1973.

FUTEBOL

Em amistoso disputado no Rio de Janeiro no estádio do Maracanã, a Seleção Brasileira derrotou por 1-0 a Seleção da Jugoslávia.

Pelé participou pela última vez da equipa da Seleção Brasileira, após sua decisão de deixar a mesma. Tostão será o substituto de Pelé e vestirá a camisola n.º 10, que ficou famosa com Pelé. A equipa da Seleção Brasileira já usou nos amistosos contra a Áustria e a Jugoslávia as novas camisas com o acréscimo de tres estrelas simbolizando a conquista do tricampeonato mundial.

A. M.

Visite - Terras de Bouro

nas suas festas concelhias em 20, 21, 22, e 23 de Agosto

S. BRÁS

Bandas musicais (Portuguesas e Espanholas), Ranchos folclóricos, concurso pecuário, corridas de cavalos e de bicicletas, gincana de tractores, cinema, sessões de fogo, arraial, e muitas outras diversões

Fronteira aberta na Portela de Homem nos dias de festa

Carreiras eventuais

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133
Bombeiros Voluntários	62162
Guarda Nacional Republicana	62151

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

Mester Jacob teria cinquenta anos: era um homem trabalhador, humano e servicial; era um bom suíço que amava a sua pátria, adorava Guisherme Tell, e que por nada do mundo faltava aos seus deveres.

Jacob estava, como dissemos, preparando a sua barca com um dos seus filhos, quando o distraiu da sua ocupação uma voz que lhe disse em um alemão que estava muito longe de se parecer com o que falava Goethe:

—Olá, mester Jacob!

—Ah! Boas tardes, sr. Foney. Que há pelo hotel?

—Muito estrangeiro com a bolsa cheia que vem visitar o lago — respondeu o interrogado, que era um intérprete de uma das hospedarias mais afamadas e concorridas de Vevey.

—Tanto melhor, porque desse modo ganha-se mais dinheiro. Já alugou a sua barca?

—Estava-a preparando para esta noite ir à pesca.

—Quer fretá-la a dois estrangeiros por esta noite?

—Esse é o meu ofício, sr. Foney. Para onde querem ir?

—Como se trata de dois noivos...

E o intérprete piscou o olho ao marinheiro.

—Vamos; já compreendo quem navegar pelas margens do lago, detendo-se onde bem lhes parecer. Pois não tenho inconveniência nisso.

—E poderá fazer-se de vela esta tarde ao sol posto?

—Dentro de duas horas estarei pronto e preparado.

—Bem, vejamos quanto quer.

—O senhor já sabe quanto é por dia, e a esse respeito não temos nada que falar.

Forney despediu-se de mester Jacob, dirigiu-se para a hospedaria; não estava longe daquele sítio. Subiu ao primeiro andar e bateu na porta n.º 3.

Uma voz masculina disse em espanhol:

—Entre quem é.

Forney abriu a porta e entrou.

Um homem e uma mulher, ambos jovens, belos e elegante-

mente vestidos, estavam sentados em duas cadeiras de palhinha, contemplando da varanda o formoso panorama que dali se gozava.

—Andou depressa, sr. Foney — disse a mulher em um espanhol acentuado de andaluz.

—O cais fica perto, e o meu maior desejo é agradar aos hóspedes — ajuntou Foney em um espanhol tão macarrónico como o alemão que tinha empregado para falar com Jacob.

—E já arranjou embarcação para a nossa viagem? — perguntou o companheiro da andaluza.

—Oh! Sim senhor. Em Vevey não faltam embarcações que atravessem o lago em todas as direcções.

—E poderemos empreender a nossa viagem esta tarde?

—Dentro de duas horas.

—Queremos percorrer o lago todo; em seguida voltaremos para aqui, donde partiremos para Baden. Desejo ver a Alemanha, sobretudo Baden.

—Oh! Berlim é muito melhor! — objectou Foney, sorrindo-se.

—Também a visitaremos — ajuntou a andaluza. — Não é assim, Fernando?

—Vejo com prazer, Rosa, que se desenvolveu em ti um grande desejo de viagem.

—Oh! Muito, muito. E' tão bela a Suíça!

Supomos que os nossos leitores já terão reconhecido os dois espanhóis que falavam com o intérprete.

Fernando e Rosa julgavam-se completamente felizes. Tinham-lhes bastado um mês para riscar da sua memória a má partida que tinham feito a Luís.

Porém, infelizmente, Luís que com a infâmia da sua amante e do seu amigo tinha recebido na alma uma dessas feridas que nunca se cicatrizam, não tinha olvidado Rosa nem Fernando.

A suspeita de André, insinuada no prado, bastou-lhe para empreender uma viagem, e o acaso pô-lo na pista daqueles a quem queria perseguir com esta tenacidade que reanima e aviva o desejo da vingança.

Em Paris soube por um amigo que Fernando tinha partido poucos dias antes para a Suíça.

Luís não perdeu tempo; tomou lugar no caminho de ferro e partiu. Depois de percorrer algumas povoações chegou a Vevey, e a fatalidade fez com que ele se hospedasse na mesma hospedaria em que estavam os dois amantes.

Luís estava resolvido a vingar-se: e ao saber que Rosa e Fernando viviam sob o mesmo tecto, uma alegria imensa inundou a sua

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

A raça portuguesa, oriunda de vários tipos humanos que habitaram o espaço que possuímos no continente de onde foram expulsos pela força das armas e da coragem e abnegação de tantos portugueses de que a história fala com o devido relevo e respeito, continua presa às tradições ancestrais, a mostrar a sua indeferença na luta pela vida e vai por esse mundo além apenas provido da sua dignidade, do seu esforço e da sua qualidade de lusitano honrado e digno, que fez espantar o mundo pelos seus heróicos feitos. Isto é incontestável. Para se conhecer Portugal e a sua história é preciso ver in-loco o que nós fizemos no Brasil e até noutros países da América do Sul. Aí é que nós começamos a crescer, a conhecer as nossas dimensões guerreiras. Quem não sai do Portugal Continental nunca conhece a história e ha-de morrer mirrado pela ignorância.

Para sermos ricos em conhecimentos temos que ser pobres em fortuna monetária por sermos forçados a procurar fora da lareira cinzenta das nossas casas cobertas com telha que tanto deixa passar sol como despejar pingas de água ou greiros de granizo como as já senti sobre esta pele tisonada pelo sol do Amazonas. Não me resta, graças a Deus, o remorso de ter de «negociar» ou «comerciar» para possuir o pão nosso de cada dia. Ele é fruto de uma perseverança, estudo e economia forçada que me privou do gôso que corrói a alma se dele se abusar sem o respeito devido a Deus por actos criminosos praticados na obscuridade.

Fala-se no Céu, fala-se em morte serena. O que se não fala é em sacrifícios para que tudo isso tenhamos sem andar a arrastar a «asa» e os joelhos pelos templos sagrados que tem de receber e aturar esta camuflada sociedade em que vivemos.

São 5 horas. Está a chover em 22 de Julho que é o mês mais quente do ano. A roupa de inverno deixei-a na cama, aonde descanso meia dúzia de horas à espera que o dia desponte para pegar numa «caneta» permanente de aço com um cabo de 2 m. Esta é a caneta que deviam usar alguns intelectuais barbudos e as mini-saias modernas, todos com falta de apetite, a tomar aperitivos e tónicos que os restabeleça fisicamente, porque do indeto poucos esperanças podemos ter de uma cura completa

porque a doença é internacional.

Estou a ler um artigo em português, escrito num jornal italiano. O tema é a Emigração. Apesar da moeda chamada lira estar pela rua de amargura, 600 raparigas portuguesas, todas em empregos domésticos, vivem em Roma a lutar pela vida.

Auspicioso enlace

No Santuário Mariano da Abadia realizou-se no domingo passado o casamento da menina Maria Odete Veloso Martins com o sr. Mário Augusto da Silva Barbosa, funcionário bancário em Lisboa. A noiva é filha do sr. Carlos A. Martins e da sra. D. Delmira Veloso Martins, estimados proprietários na Feira Nova e o noivo do sr. Francisco da Rocha Barbosa e de D. Idalina Cristina Barbosa residentes na Capital.

Apadrinharam o acto religioso, por parte da noiva os srs. Carlos Bacelar e esposa, funcionários dos Correios em Braga, e por parte do noivo o sr. Custódio Moutinho e esposa D. Maria Manuela Vieira, industriais em Lisboa. Depois do acto religioso, foi servido no restaurante local um lauto almoço aos numerosos e categorizados convivas. Os noivos seguiram para o Sul em viagem de núpcias.

Luz Eléctrica

A Ponte do Porto não está às escuras mas pouco menos.

Os habitantes e comerciantes, pela fraquesa da potência, não podem ter Televisão. A cabine do Bário está restrita à zona nascente precisamente a afectada.

Assim, interpretando o sentir dessa gente que quer luz com força suficiente, e não uma amostra ténue de claridade de candeia a petróleo, esperam que o apelo seja coroado do êxito que se nota em tudo que dependa das gentes da edilidade.

Elísio Gonçalves

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje o sr. Virgílio Alberto Almeida e a sra. D. Teresa de Jesus Antunes Martins, esposa do nosso assinante sr. Daniel L. Martins, ausente em França.

Amanhã, o sr. António Ribeiro e a sra. Maria do Céu Sousa Pinheiro.

No dia 9, o sr. Manuel da Conceição da C. Monteiro.

No dia 11, o sr. Américo Raul Pereira e a menina Maria Lucinda Machado da Costa.

No dia 12, a sra. Maria Mavilde Feio.

No dia 13, o sr. José Cassiano Gonçalves Macedo.

Em Férias

Encontram-se em goso de férias chegados há pouco da América o sr. Guido Veviano Antunes de Oliveira e sua esposa sra. D. Helena Pereira da Mota Oliveira.

Desejamos-lhe óptimas férias e que o seu aniversário passado no dia 9 de Julho fosse um dia feliz para si e para os seus.

De Férias

José Joaquim A. Costa

Na companhia de sua querida esposa e de seu pai chegou a Paredes Secas o Sr. José Joaquim Almeida Costa, aonde vêm gozar um merecido período de férias junto de seus familiares. Ao amigo e assinante Zé, Esposa e familiares Tribuna Livre deseja que gozem muito e que quando regressem à França a vida lhes continue a sorrir como até agora.

— Também vindo de França com seu irmão Luís se encontra entre nós a gosar férias o nosso ex-colega gráfico sr. António de Sousa e Silva, de Besteiros.

O SANTO PADRE PROTEGE OS SEM ABRIGO

O «Osservatore Romano» precisou hoje que a venda de um edifício da Santa Sé a favor dos sem abrigo rendeu 550 milhões de liras (cerca de 27 000 contos). Esta importância será aplicada para famílias pobres na localidade de Acilia, nos arrabaldes de Roma.

Trovas Soltas

Onde um berço se balança
Há riso, ventura e luz:
—Sobre os berços, doce e mansa,
Paira a sombra do Jesus.

Do berço à tumba há caminho
Que todos tem de transpor:
De passo a passo—um espinho,
De légua em légua—uma flor.

A mãe, que aperta no seio
Um filho de seu amor,
Tudo enfrenta sem receio:
A calúnia, a injúria e a dor.

Minha vida é uma jangada
Num mar revolto de escolhos,
Baloçando sossegada
A doce luz dos teus olhos.

Da tua voz a frescura
Feita de encanto e de dor,
Lembra um veio de água pura
Sob roseiras em flor.

Assim como brotam as flores
Do triste, empedrado chão,
Em rima brotam-me as dores
Que trago no coração.

Que em vossos risos mais brilho
Nas alvoradas não vemos;
Nos olhos ternos de um filho
É que nós, pais, nos revemos

Quem ama, há de conhecer
A triste escola do amor:
—Desejo, ilusão, e prazer,
Cansaço, fastio e dor.

Caridade muito consola...
Ao vermos que ela é perfeita,
Não por ser grande a esmola,
Mas do modo como é feita.

Quem maldiz a vida prova
Não conhecer que ela é vã:
—Espaço do berço à cova
Há ontem, hoje, amanhã.

A mãe que a um filho acalenta
—Tal o seu amor profundo
Tem a impressão que sustenta
Em seus braços todo um mundo.

CERQUEIRA

Dilema terrível e esmagador ESTEVE ALI... O DEDO DE DEUS

(Continuado da 1.ª página)

radicando profundamente nas Américas.

Aos primeiros sorrisos amarelos já principiaram a suceder-se os primeiros baldes de água fria. O primeiro-ministro chinês já revelou o bastante para fazer desfazerem-se muitos castelos no ar e morrerem muitas esperanças mesmo naqueles que se apressaram a deitar os primeiros foguetes de alegria e viram no anúncio antecipado das conversações de Pequim a aurora radiosa de uma paz mais que octaviana e o nascimento da Idade de Ouro do Mundo, em que todos viveriam felizes, fartos e em paz sempiterna.

Os altos comandos da China Continental já fizeram saber a Nixon e ao Mundo certas condições para a futura conferência de alto nível sino-americana e que são, em resumo: reconhecimento do governo de Pequim como o único legal do povo chinês inteiro, o que envolve necessariamente a devolução da ilha Formosa a Pequim, terminando de vez as duas Chinãs com a retirada das forças navais americanas e militares da Formosa e dos estreitos.

A retirada dos americanos do Vietnã e de toda a Indochina, e não só as tropas, mas também o pessoal e todas as instalações militares.

Logo que as tropas americanas retirem da Indochina, o comunismo alastrará no sudoeste asiático como fogo em seara seca.

Outras condições mencionadas por Chu en Lai; o que ele chamou o militarismo japonês e a Coreia do Sul, que será engolida pela Coreia do Norte, como o Vietnã do Sul será tragado por Hanói.

Agora só se antevêm duas soluções futuras: ou ir a Pequim e transigir em tudo o que o interlocutor apresentar ou não ir e depois a China Comunista baladará aos quatro ventos que a América não quer dialogar. Mas quem poderá dialogar, em boa-fé, nestas condições?

Ceder? Transigir? Mas a transigência tem limites que não se podem ultrapassar,

sem perder a honra e atrair os amigos fiéis. A China parece renunciar ao diálogo e iniciou a política do monólogo, das condições prévias. Que fará Nixon? Renunciar ir a Pequim? E a opinião pública americana? Deus ilumine o Presidente Nixon, em quem se concentram tantas esperanças, para que proceda de modo que a paz não esteja novamente em perigo ameaçador.

M.V.G.

Um dia, entrou no estabelecimento do inglês Bill Butcher, negociante de artigos e apetrechos de pesca, um seu cliente com uma mão muito ferida num acidente de pesca.

Butcher, prevendo a gravidade do ferimento e as terríveis consequências que daí podiam advir, procurou convencer o seu cliente a que fosse ao hospital para ver o que dali poderia resultar. Como o ferido se mostrasse

irredutível no desprezo pelo seu ferimento, Butcher instou e ofereceu-se para o conduzir ao hospital no seu próprio carro. Perante tanta insistência e ao mesmo tempo tanta gentileza, o ferido aceitou deixar-se conduzir, não sei se já por convicção da gravidade do seu caso se por delicadeza para com Butcher.

O que é certo, e aqui é que está o dedo de Deus, é que logo que entraram no hospital, Butcher sentiu-se súbitamente muito mal. Imediatamente socorrido pelos médicos de serviço foi constatado, que se tratava de uma embolia tão grave que se não tivesse tido a sorte de estar no hospital e de ser tratado sem demora, não teria mais de quarenta e oito horas de vida.

Realmente esteve ali o dedo de Deus.

É bem certo, que o bem nunca fica sem recompensa e que Deus nunca se deixa vencer em generosidade. Este homem, Butcher, qual bom samaritano, cuidou da vida e saúde do seu irmão e Deus cuidou da saúde dele.

5.ª COLUNA

olhos uns papos esquisitos. Que será?

Pois o jornalista, e, então, o da especialidade, recebe logo a fatal pergunta:

— Então V. que me diz acerca da viagem do Nixon a Pequim?

E nós, o tal médico e o tal jornalista hemos de nos sujeitar a dizer algo, mesmo que não digamos nada.

Neste caso, aqui, não é isso, Leitor. Eu até vou dizer e se amanhã aparecer, mesmo no estrangeiro, alguém com a minha ideia, não me acuse de plágio, pois nada li ainda, mesmo estrangeiro, sobre o assunto.

Qual a base de semelhante viagem? O facto dos pingponguistas terem sido recebidos cordialmente? Não! Eles foram assim por motivos já anteriormente delineados.

Por mim, há uma nação no mundo que tem os maiores estadistas que conheço. Essa nação, sob a alçada dum regime comunista e que clamam de subjugada pela Soviética, demonstra no seu «elan» governamental uma perspicácia de que até hoje, após a guerra, ninguém deu prova. E, no entanto, poucos se incomodam com a sua maneira de agir. Continuando na senda de se entender politicamente com todos os países dos dois hemisférios foi essa nação que conseguiu aproximar a China Continental da América do Norte: a Roménia.

Fico convencido disso e mais tarde talvez o meu Leitor me venha a dar razão.

O BURACO N.º 13

— me assim, de par em par, generosamente, as largas portas dos Estados Unidos.

É que o adido de Imprensa escrevera que jornalistas portugueses favoráveis aos Aliados eram quase todos, mas que jornalistas portugueses verdadeiramente amigos dos Estados Unidos eram apenas uns três ou quatro, sendo indubitavelmente um deles o portador da missiva, Mr. Dutra Faria.

Têm várias causas, que todas vêm de longe, a minha simpatia pelos Estados Unidos. Uma é o facto de ter nascido num ponto do globo — a Ilha Terceira dos Açores — muito mais próximo das costas americanas do que as continentais terras situadas entre o Minho e o Guadiana. Outra será talvez o retrato que os quinze anos recebi de uma linda priminha luso-americana (nascida em Summerville, Massachusetts) «with loads of love»... E mais todas as outras razões que não cabem nos quatro «linguados» de uma crónica sorridente, sem pretensões a artigo de fundo.

Pois tudo isto vem a propósito da visita que fez a Lisboa Mr. Spiro Agnew, Vice-Presidente dos Estados Unidos.

É Spiro Agnew um homem extremamente discutido dentro e fora do seu país, com opiniões, sobre os estudantes, sobre as esquerdas, sobre os jornalistas, que têm frequentemente desencadeado tem-

pestades; um político aparentemente impolítico; um estadista pouco familiarizado porventura com as subtilidades da «nuance»; mas a autêntica imagem do que os verdadeiros amigos dos Estados Unidos consideram o norte-americano típico — expansivo, cordeal, descontraído, ambicioso de conhecimentos, sinceramente desejoso de compreender o melhor possível cada país, o povo, os seus problemas, os seus complexos...

Chegou, todavia, com uma comitiva de 150 pessoas — disseram os repórteres; e num país tão modesto como Portugal 150 são pessoas a mais, mesmo na comitiva de um Vice-Presidente dos Estados Unidos. Os «gorilas» de Agnew, por outro lado, surpreenderam agradavelmente os lisboetas pela sua musculatura de perfeitos atletas e pela agilidade extrema dos seus movimentos de ginastas; mas a sua solicitude pareceu exagerada e agressiva numa Lisboa que, diga-se o que disser pelo estrangeiro, está bem distante de Dallas, no Texas. Finalmente, os portugueses sorriram quando souberam que o Vice-Presidente andara a jogar uma saudável partida de golfe no Estoril com o seu velho amigo Frank Sinatra; mas não acharam graça nenhuma a que Spiro Agnew interrompesse a partida junto do buraco N.º 13. É que nós, portugueses, se não levamos tão longe quanto os norte-americanos a superstição relativamente ao 13 (nos Estados Unidos não há um hotel com a porta n.º 13 em qualquer piso ou com o andar décimo-terceiro; do décimo-segundo passa-se imediatamente para o décimo-quarto) também somos, em todo o caso, supersticiosos — e não gostaríamos de que este malféfico número ficasse de algum modo ligado à visita do Vice-Presidente dos Estados Unidos a Portugal: as relações entre os dois países têm de viver sob outros signos — e de ir muito para além do buraco N.º 13.



Tribunal Judicial da Comarca

— DE —

AMARES

ANÚNCIO

2.ª Publicação em 7-8-1971

Pela secção de processos da secretaria judicial desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto do prédio a vender em hasta pública, sobre que tenham garantia real, nos autos de acção de divisão de cousa comum que Manuel José Soares Antunes e esposa Aurora Barbosa Soares Antunes, da Rua Linhas de Elvas, 18, da cidade do Porto, movem contra Alexandre Adelino Antunes e esposa Maria da Silva Rocha, do lugar da Ramalha, freguesia de Sequeiros, desta comarca, e outros.

Amares, 28 de Julho de 1971

O Escrivão de Direito,

a) José Maria Crespo Pimenta de Castro

— VERIFIQUEI —

O Juiz de Direito:

Alfredo Jaime Menêres
Correia Barbosa

FÉRIAS

não são apenas os pobres que precisam do teu auxílio; esses poderão, talvez sem custo, obter um lugarzito em qualquer colónia balnear ou de campo.

Mas, para muitos remediados em quem ninguém pensa porque *não precisam* — e sofrem tantas faltas em suas casas sob o aspecto simpático dos seus fatos limpos — esses não terão férias porque a sua «insuficiência suficiência» os segrega de quaisquer auxílios ou protecções.

Tu, que és mãe afortunada, porque não levas, com os teus meninos, uma dessas crianças que nunca ouviram o assobio do melro nem a voz do Mar?

L. P. P. S.

BOURO

mingo às 10h romagem à Senhora da Abadia para missa em acção de graças pelos sucessos obtidos pelos 82 alunos da Telescola. Às 14h concentração de alunos, familiares e amigos nas salas de aula para leitura dos classificados. Muitas atracções e entre essas muitas e boas destacamos os tamboreiros e o Grupo Folclórico de Santa Marta que obrigaram a parar dezenas de automóveis e a sossegar a G.N.R. porque apenas serviu para honrar a festa com as suas impecáveis fardas. Bondade extrema de todos os Bourenses sem esquecer o Cândido e Fernandes alma máter da emotividade festiva que a todos impressionou. E. Gonçalves

A missão da «Apolo-15» custará 445 milhões de dólares

A missão da «Apolo-15», a iniciar no dia 26, custará 445 milhões de dólares (12 682 500 contos), contra os 400 milhões da expedição da «Apolo-14».

A maior parte da diferença é atribuída ao veículo que os astronautas utilizarão na superfície selenita e à sensível melhoria da capacidade científica da própria nave.

A N.A.S.A. (Administração Nacional do Espaço e Aeronáutica) distribui o custo da seguinte forma: nave de comando — 65 milhões de dólares; módulo lunar — 50 milhões; foguetão de transporte «Saturno-5» 185 minutos; estação científica a deixar na superfície lunar — 25 milhões; carro lunar — oito milhões; observatório científico lunar — 17 milhões; operações — 95 milhões.

O total a gastar com as missões Apolo até à «Apolo-17», no próximo ano, deverá atingir 25,5 biliões de dólares.